Alves Mendes

HERCULANO

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA GUTENBERG — EDITORA
Rua da Cancella Velha, 66

MDCCCLXXXVIII

HERCULANO

Alves Mendes da Silva Ribeiro Antonio

HERCULANO

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA GUTENBERG — EDITORA
Rua da Cancella Velha, 66
MDCCCLXXXVIII

A

José Gregorio da Rosa Araujo

COMMISSÃO EXECUTIVA

PRESIDENTE

José Gregorio da Rosa Araujo.

SECRETARIOS

José Joaquim Gomes de Brito.
Eduardo Coelho.

VOGAES

João d'Andrade Corvo.
José Maria Borges.
José Manuel da Costa Basto.
Francisco Antonio Pereira da Costa.

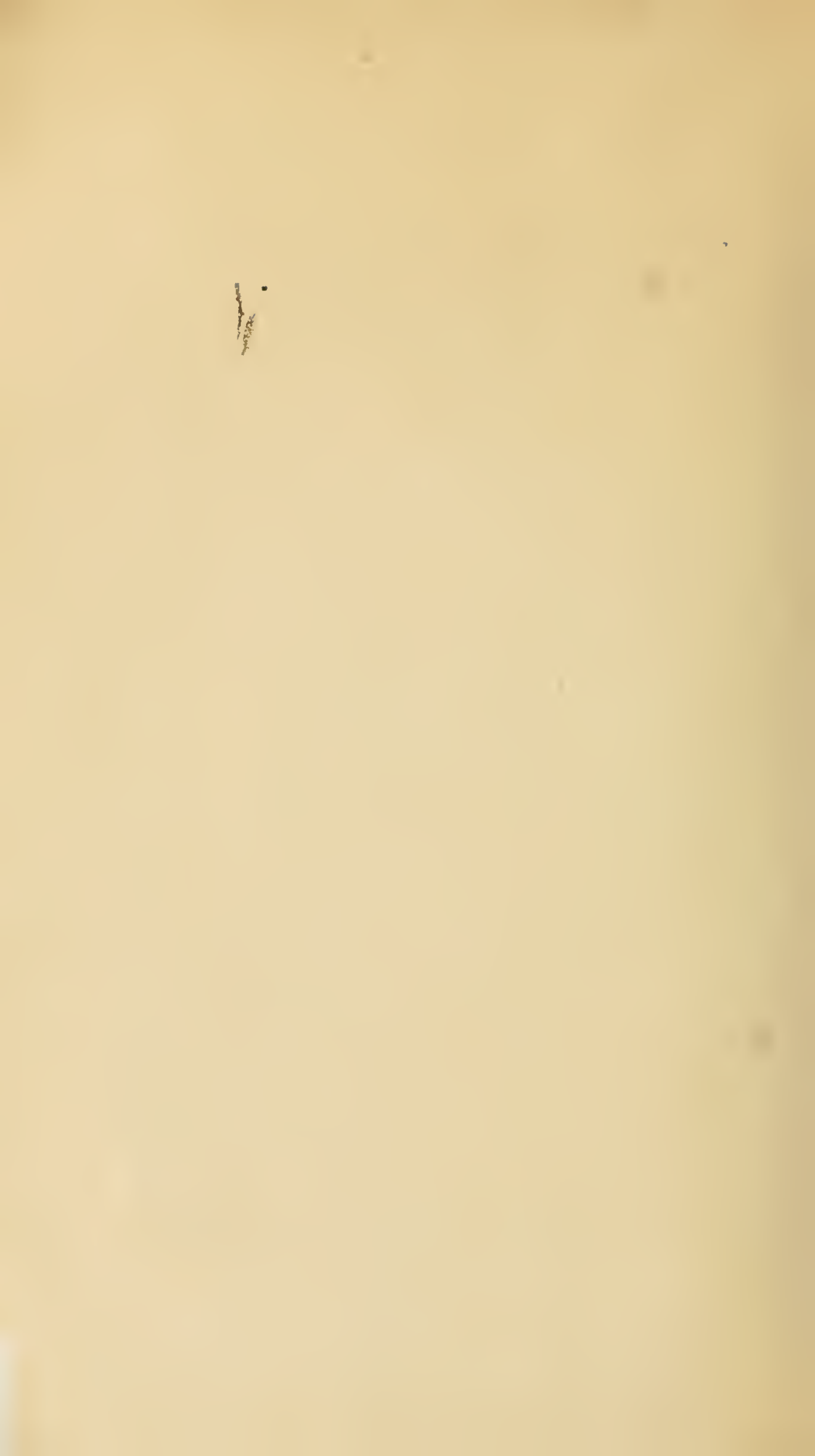
THESOUREIRO

João Maria Galhardo.

Discurso

NO TEMPLO DE BELEM

(TRASLADAÇÃO DAS CINZAS DO GRANDE HISTORIADOR)

28 — 6 — 1888

Sapiens in populo hæreditabit honorem,
et nomen illius erit vivens in æternum.

Eccl. xxxvii, 29.

Excellentissimo Bispo de Bethsaida:

Senhores: Os factos crystallisam as idéas, e os monumentos crystallisam as idéas e os factos: — os monumentos são a geologia do espirito. Vêde, em pleno cyclo medieval, esta gentilissima nacionalidade portugueza crear-se, disciplinar-se, vigorisar-se, uniformar-se, expandir-se n'uma só aspiração, e toda esta aspiração, com o mesmo brilho e com o mesmo fito, affirmar-se pelo mesmo verbo e estampar-se no mesmo symbolo: — o cenobio religioso, o monumento catholico. Soberbo, soberbissimo espectaculo! Á sombra do templo

divino, em redor da calorificante matriz apinhôam-se os burgos e aconchegam-se os lares; nos seus adros instituem-se os mercados e abendiçôam-se os alimentos; nos seus atrios celebram-se os contractos e asylam-se os delinquentes; nos seus claustros germinam as escólas publicas e estreiam-se as representações theatraes: á voz vibrante dos seus sinos congregam-se as assembléas, acorre-se aos perigos supremos, entra-se nos combates da vida ou resvala-se aos abysmos da morte; ao pé dos seus altares armam-se os cavalleiros, e do fundo das suas capellas partem-se, ausentam-se os peregrinos; no alto da sua tribuna resôa a palavra mais augusta da terra, ora trovejante como o Ensinamento do Sinai, ora embrandecida como o Sermão da Montanha, austera e imponente como o genio do dever ou dôce e melodiosa como um carme de amor — a palavra do orador sagrado: sob as suas abobadas, consonantes com as harmonias do orgão e as espiraes do incenso, alternam-se e confundem-se os psalmos do sacerdote e os canticos do crente, todas as alegrias e todos os lamentos, desde os rosêos resplendores do *Te Deum* até aos relampagos tremendos do *Dies iræ;* nos seus pavimentos, tapisados de lapidas e recortados de sepulturas, assignala-se o dia de hontem — a morte, a saudade; nas suas paredes, esmaltadas de ex-votos e ornamentadas de cruzes, assignala-se o dia de hoje — a dôr, o sacrificio; nas suas janellas, prismadas de pinturas e betadas de matizes, assignala-se o dia de áma-

nhã — o céo, a esperança; os seus arcos e columnas, que se alevantam e recurvam como as arvores, com as suas folhas imbricadas e os seus festões distendidos, por entre flôres que parecem mariposas e por entre lumes que parecem estrellas, representam a vida da natureza; as suas imagens e estatuas, circumfulgentes de pedraria e opulentadas de gloria, que umas vezes se festejam em côro sobre os thronos e outras vezes se festejam em procissão sobre os andores, representam a vida da graça; e, lá no pinaculo, quasi desatando-se da terra e fugindo para os céos, a leve grimpa, a agulha rendilhada, a flecha aérea, — lidima escada de Jacob, escada mysticissima por onde a alma, clarificada pela penitencia, transfigurada pela oração e propellida pela fé, sóbe, anhelante do infinito, sóbe, sóbe até acolher-se ao seio increado, ao seio immenso e amorosissimo de Deus.

Assim se glorificam os povos crentes e assim se glorificou o povo portuguez. Tres monumentos, tres historicos monumentos ficaram ahi para assombro e doutrinamento das idades, encandilando tão alentada crença e encellulando tão desmedida gloria: Alcobaça, Batalha, Belem — a obra-prima do rei conquistador e do reino auspicioso, a obra-prima do rei heroico e do reino invencivel, e a obra-prima do rei afortunado e do reino triumphantissimo; tres monumentos, tres incomparaveis monumentos que trasladam as raizes, as frondes, as florescencias da nacionalidade portugueza.

No proposito de desapressar-se da mourisma, caminho da escalada de Santarem, Affonso Henriques votou, a ser feliz na interpresa, fundar um mosteiro que doaria aos monges de Cister, á ordem preclara do monge Bernardo, cujo amigo era. O céo escutou-lhe a prece. Dias depois o pendão real varria o estandarte do islam de sobre as muralhas da altiva Santarem, e seguidamente o bizarrissimo vencedor cimentava a obra de Alcobaça. Lá está, lá está ainda o magestoso, o amplo, o rico monumento — rico de historia como poucos, outr'ora rico de patrimonio como nenhum. Successivas restaurações e acrescentos lhe desfiguraram, no rodar dos annos, a severa simplicidade primitiva: mas, desfigurado ou não desfigurado, este monumento é um thesouro. E quando se considera que em torno d'essas pedras arquejaram os peitos de que se formou a patria; quando se recorda que este é um dos nucleos em que se coalhou e unificou a christianissima alma portugueza, refervenos o sangue nas veias e amaram-se-nos os olhos de lagrimas — porque estamos percebendo os vagidos, estamos apalpando as faxas d'esta nação valerosa, d'esta nação campeadora que, mais tarde, não cabia, não cabia por sua grandeza na terra.

Ás magnificencias de Alcobaça adjungem-se as sublimidades da Batalha — a celeberrima fabrica ogival erecta por João I em memoria dos feitos de Aljubarrota contra as arremettidas castelhanas. Aquillo não é um templo, é um canto: é o espirito d'um povo

crente evolando-se, desfeito em harmonia, das estrophes d'uma epopeia em pedra. Aquellas naves altissimas, aquellas ponteagudas arcadas, aquella floresta de columnas e pyramides, aquellas janellas buriladas como joias, aquelles vidros coloridos como iris, aquellas delicadas figuras e elegantes baldaquinos, aquellas viçosas grinaldas e brincadas laçarias em que se esgotou a arte e como que se derreteu a fé; toda aquella obra estupenda, em purissima architectura gothica, é uma symphonia que nos submerge no extasis e nos arrebata, através de um céo aberto, á origem milagrosa de taes inspirações, á inenarravel e mysteriosissima essencia do Eterno.

Sacro, sublime monumento da Batalha! divino, lusitanissimo cenobio, graciosamente rendilhado com tudo quanto hão podido idear de mais subtil esses anonymos immortaes que pareciam ter o segredo de abrandar a pedra e afeiçoal-a, diaphana entre os seus dedos, a todos os caprichos da phantasia e a todos os symbolos da crença! o portuguez que desconhece ou que despreza a tua facunda importancia famosa, o portuguez que não relembra e não adora todo o esforço que custaste e toda a gloria que tu guardas, é um portuguez abastardado — é indigno da sua patria.

As sumptuosidades de Alcobaça e as maravilhas da Batalha são coroadas pelos resplendores de Belem — este preciosissimo e enflorado diadema que Manuel fez estadear n'esta praia do Restello, solemnisando a

invenção da India. Original, indescriptivel monumento! Parece extrahido das espumas oceanicas e amassado com o ether dos céos. Parece uma visão phantastica do Oriente — o berço da crença, o berço do sol. Circula-lhe a vida por todos os lanços, ressua-lhe a exuberancia por todos os poros. Mas esta riqueza descompassada, exquisita, nada tem de exagerado e violento; nada tem de commum com o inchaço, com a turgidez das decadencias. Veio por si, naturalmente, torrencialmente, como vem o enthusiasmo, como vem a saude. Tudo isto é a arte em festa victoriando a religião e a nação em festa. Portaes, frestões, fustes, nichos, cimalhas, botaréos; templo, crasta, sacristia, recingidos de folhagens de toda a especie e de arabescos e relevos de toda a ordem, filigranados de lizes quasi aeriformes e povoados de figurinhas quasi viventes; e, depois, esses formidaveis e esbeltissimos pilares como que nascidos ahi para braccejar pelos ares fóra e sustentar o proprio firmamento; e, ainda, essa abobada do cruzeiro, abatida, artesoada, constellada de cruzes e de espheras, desamparada de columnas, mais pasmosa que a do capitulo da Batalha, imponente e amplissima, fazendo lembrar um horisonte no mar alto; e, por fim, após o feitio manuelino, a sorridente capella-mór — o esplendido feitio da renascença... ah! taes portentos e taes contrastes sacodem-nos os nervos e produzem-nos vertigens; accendem-nos o sentimento do grande, apegam-nos a electricidade do sublime; — porque são a

traducção cyclopica, a petrificação estranha, descommunal, typica, da crença robusta d'aquelles titans que, *dilatando a fé e o imperio*, foram os heroes da nossa eterna epopeia maritima — os primeiros, os quasi fabulosos circumnavegadores dos mares.

Sob estes claros horisontes, á beira d'este formoso Tejo emmoldurado de tantas maravilhas artisticas, no seio d'este augusto monumento que resalta, fulvidamente tisnado, entre o espelho das aguas e o espelho dos céos, adjacente a esta igreja, que é um padrão de fé, e ao fundo d'esse claustro, que é um poema cyclico, engastou a gratidão portugueza, cinzelado como uma joia grega, o sarcophago de Alexandre Herculano. Bravo! perfeitamente justo! Ao pé das cinzas de Camões — o estro da patria, do Gama — a força da patria, e de Manuel — a grandeza da patria, nenhumas cinzas mais gloriosas que as cinzas de Herculano — o genio, o assombro, a honra adamantina, a lingua vibrante e a penna refulgentissima da patria: — Herculano que, a tão especiosos titulos, como se a alma portugueza subisse inteira áquella laureada cabeça e se reflectisse toda no azul d'aquelles olhos vivissimos, sobrepõe ainda o de propugnador acerrimo e superrimo dos monumentos da patria. As grandes arvores parecem maiores quando dominam uma floresta: este gigante mais se avoluma defrontado com taes gigantes.

Espirito de eleição e patriota de raça, poeta e romancista de larga fama, prosador excelso e historia-

dor sem rival, elle amou e serviu a sua terra quanto um homem póde amar e servir um povo. Se não nasce portuguez, quizera ter nascido portuguez. O seu pensamento era accêso e vívido como o pensamento da nação, o seu peito leal e brioso como a indole da nação, a sua palavra mascula e pinturesca como a palavra da nação, as suas aptidões variadas e complexas como as phases da nação, os seus costumes acendrados, integerrimos e exemplarissimos como as virtudes e as memorias da nação. Desde Affonso, o primeiro dos portuguezes, não houve nunca portuguez mais authentico — portuguez mais portuguez do que este homem.

Os grandes soes brilham no espaço porque condensam a luz; as grandes almas vivem no tempo porque condensam a idéa. Este astro de suprema grandeza, este astro-rei que rutila sobre todos nós, será sempre rutilante nos estadios da sciencia e nos precintos da historia: *Sapiens in populo hæreditabit honorem, et nomen illius erit vivens in æternum.*

Tristissimo de mim, — que seja eu o encarregado, eu, o minimo dos oradores, de vir dizer aqui o que foi e o que vale o maximo dos escriptores! Absolutamente impossivel. Por um lado, a biographia de Herculano desageita-se d'este logar. Todos a conhecem e, embora desconhecessem, não era bastante objecto para tamanha solemnidade. A vida do primoroso cidadão, em si, desbalisada dos lavores mentaes que a encheram, encontra facilmente parallelas: — é thema de somenos impor-

tancia. Por outro lado, a apotheose d'esse sabedor surprehendente, singularissimo, d'esse sabedor quiçá unico entre nós pelas altezas de prestigio que mereceu e sustentou; e, ainda mais, o esboço, sequer o esboço critico dos seus livros, que influenciaram pelo modo mais directo e enalteceram pela fórma mais brilhante a civilisação litteraria d'este paiz, transcendem evidentissimamente as minhas forças. Dia virá em que um Linneu das artes e um Kant das sciencias classifiquem e joeirem isso. Não eu. E, em tal crise, em tal risco, o mais temeroso por que tem passado a minha palavra, já esbatida em vinte e cinco annos de pulpito, lembra-me o seguinte: as fraguas do genio assemelham-se ás fornalhas da locomotiva — vão sempre resfolgando e lançando chispas. Tentarei colher algumas d'este estuante genio e com ellas aquecerei um pouco o meu discurso. Eis o que vou fazer francamente, lisamente, imparcialmente, sem pretenções academicas, sem pretenções oratorias, sem pretenções de casta nenhuma.

Conspicua e benemerita commissão executiva do monumento a Alexandre Herculano: Tentou-me, enlevou-me, envaideceu-me o vosso convite. Eu nunca tive nem espero ter honra igual. Eu nunca logrei nem espero lograr assumpto equivalente. Deslumbra, enthusiasma tudo isto! Esta luz electrica que se ateia no seio dos tumulos; esta reacção pundonorosa em favor dos

grandes extinctos; esta justiça posthuma, coriscante, que assim vinga os martyrisados benemeritos; o Calvario da vida que assim se demuda em Thabor na morte; isto, tudo isto é com certeza um dos maiores triumphos e dos maiores timbres dos tempos modernos. Amante do meu seculo e da minha patria, commovem-me, exaltam-me cultos taes. Está n'elles toda a essencia do meu pensar, toda a comburencia do meu sentir. Mas receio, e receio muitissimo, passar d'aqui... O que eu não receio é curvar-me, reconhecido e confundido, ante a vossa gentileza, que tão fidalgamente se lembrou de mim. E dizer estas coisas, sapientissimo Bispo de Bethsaida, — aguia do pulpito catholico, principe dos prégadores portuguezes — é esperar o vosso indulto — assim como a vossa benevolencia, nobilissima assembléa, para o trabalho que principío.

*

* *

«Abram a janella, quero luz!» — Esta phrase de Herculano, muito parecida a outra de Gœthe e ainda a outra de Lamennais, esta phrase, gemida a 13 de setembro de 1877, quasi á morte do pensador, symbolisa e synthetisa toda aquella vida: ancia de saber, sêde de luz.

Luz! quanto é alma e bella, quanto é grata e boa,

a luz! O que seria o mundo sem este fluido prodigioso que tudo alegra e fecunda, que tudo aquece e desabrocha, que tudo colore e vivifica? Um horror inconcebivel, um cahos espantoso, a treva congelada, a treva insondavel por sobre um abysmo sempiterno. E de que valeria esse hilariante fluido, embora se desprendesse d'um céo diaphano e se reflectisse n'um mar de anil, se elle não ferisse a pupilla do homem, se não banhasse a humana fronte? De nada, de quasi nada. O ondear do fino ether ou o fulgir do rico astro perder-se-hiam afinal na vastidão do planeta que á sua vez ficaria sendo, quando muito, um livro sempre sellado, um proscenio sem actores. Á luz physica corresponde, pois, a luz moral: á luz dos corpos, á luz dos olhos encima-se a luz do espirito, a luz do genio — a mais intensa luz divina, a mais formosa, a mais pura luz de Deus.

Guiado por ella, o homem, fraco, enfermo, desvalido, mas sempre irrequieto, sempre anhelante, atenazado, infernado sempre por um desejo nunca pleno, por um desejo incommensuravel, infinito, rege a natureza, inventa creações, opéra milagres, refaz o mundo. Inclina-se sobre a terra, distilla o suor da sua fronte e corôa a terra de fructos e de flôres. Desfibra esmeradamente as plantas, tece-lhes, matiza-lhes os filamentos e cobre a sua desnudez. Rasga isthmos, explora continentes, perfura montanhas, estilhaça penedias, desinfecta lagunas, lança pontes sobre abysmos

e suspende nos ares a cadeia metallica, a cadeia magica que dá á palavra a velocidade do relampago. Põe o cinzel na pedra, a côr na paleta, a corda no arco, a idéa na imprensa; dá linhas á architectura, relevos á esculptura, esmaltes á pintura, harmonias á musica, ideaes á poesia, horisontes ao pensamento, e realisa os primores da arte e da sciencia. Construe e atira á agua o sêcco lenho, arvora e desprega ao vento a branca lona; e desafia as tempestades e as ondas, e cruza de mar a mar, e corre de região a região, e vôa de gente a gente, levando a toda a parte a communidade dos sêres e os dons da Providencia, fazendo resplandecer em todo o orbe o que ha de mais sublime e de mais util: os productos divinos da civilisação — esses lampejos do seu enorme e immenso e immortal e santo espirito.

Ah! quando eu vejo o notabilissimo tear urdindo esses tecidos preciosos, extrahidos dos insectos, dos quadrupedes e das plantas e empapados em todos os matizes do iris; quando remiro o telegrapho de Morse e o telephonio de Eddison, enredando com seus nervos o planeta e tornando-nos, pela instantanea communicação do verbo e da idéa, consocios de todas as nacionalidades e companheiros de todas as gentes: quando contemplo a vela latina enfunada sobre as aguas, e a chaminé do vapor, desenhando nos ares o seu pennacho de fumo, e revoando altaneira pelos mares e pelos campos, fazendo-nos quasi simultaneamente cosmopolitas de todos os continentes; quando descubro o luzentissi-

mo pharol refulgindo sobre os promontorios como se fôra uma estrella que se tivesse desengastado dos céos; quando observo a chispa de Galvani levando movimento á inercia e gravando e aureolando por processos verdadeiramente magicos; quando analyso a pilha de Volta enthesourando-nos nas mãos algo superior ao ouro dos alchimistas, a producção da electricidade, a bem dizer a força creadora do cosmos; quando fito o pára-raios de Franklin, pelo qual a faisca, a temerosa faisca dos deuses se encadeia, se escravisa humílima a nossos pés; quando alcanço com o telescopio as surprehendentes miragens do infinitamente grande e vislumbro com o microscopio as indiscriminaveis estancias do infinitamente pequeno; quando attento no espectro-solar que decompõe a luz, que chega a decompôr a longinqua reverberação das nebulosas; quando diviso a photographia offerecendo-nos a imagem nitida do universo, mettendo-nos dentro em casa a propria natureza, a photographia que, servindo-se do sol, copía o mesmissimo sol; quando considero a retorta chimica ministrando-nos em suas combinações espantosas os elementos dos orvalhos e das brizas; quando recordo a machina de Watt ou a de Fulton que, d'algumas gotas de agua, d'um tenuissimo rócio em que se emperlam as flôres, fez uma potencia avassalladora, incontrastavel, uma expansiva e ductil potencia que é a alavanca do commercio e a alma estrondeante da industria; quando, finalmente, deparo tantos prodigios, desde

o escaphandro do mergulhador que visita os abysmos do mar e a lampada do mineiro que pesquiza as entranhas da terra, até ao balão do aeronauta que foge para as alturas e se equilibra e se aligeira na região dos ventos; e noto ainda taes maravilhas diffundidas, divulgadas, universalisadas, eternisadas pela invenção de Gutenberg, pela imprensa, pela sublimada e rica imprensa que é a maior de todas ellas; quando tudo isto vejo, pasmo, abysmo-me absorto perante esta especiosissima creatura humana que, a despeito das suas miserias e fraquezas, se patentisa a maior das creaturas — porque tem as azas da idéa na mente, porque tem a luz do genio na fronte para aproximar-se de Deus, para alcandorar-se do infinito!

A luz do genio, eis Herculano! — Herculano, como o naturalista Humboldt, sempre fascinado pelos segredos da sciencia; Herculano, como o espiritualista Castelar, sempre seduzido pelos encantos da arte; Herculano, nobre cultor da verdade, do bem e do bello; Herculano, homem de valor antigo, sujeito de raro porte, individualidade caracteristica, — em summa, personificação genialmente inconfundivel entre as personificações mais geniaes. Reuni a consciencia de Socrates á alteza de Platão, a profundidade do Dante á energia de Hugo, o talento de Shakespeare ao verbo de Camillo; juntai á penetração de Niebuhr as fórmas de Michelet e á magestade de Macaulay as faculdades de Thierry; amassai tudo isto com o caracter d'um espar-

tano, com a perseverança d'um benedictino e com a fé d'um apostolo e tereis, pouco mais ou menos, o sabio entre os sabios portuguezes — Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.

Herculano, como patriota, exhibe distincção apuradissima. O seu nome está esculpido n'esse immenso baixo-relevo que, a contar dos riscos das Thermopylas e a concluir nos muros da Invicta, guarnece afestoadamente os altares da patria. Elle arriscou a cabeça pela causa liberal e devotou-lhe todo o vigor e destimidez da mocidade. Andou exulando por Inglaterra e por França; transitou da Terceira ao Porto; e alli, n'aquelle horrido assedio, n'aquelle Sagunto ou n'aquella Numancia, onde só se viram heroes e martyres, combateu corajosamente, imperterritamente, ganhando a cruz da Torre-e-Espada — unica venera que aceitou. Foi, emfim, um emigrado e um valente; mas n'isto encorpora-se ao grupo decantado dos 7:500 temerarios: e havendo em tudo isso muitissimo de meritorio, ha muito pouco de singular.

As letras, que não as armas, é que celebrisaram Herculano — porque foram aquellas e não estas o ponto centrico, o foco absorvente do seu grande espirito. Toda a sua existencia victoriosa, toda a sua gloria deslumbrante está n'esse rastilho de luz, n'essa inescurecivel trajectoria que se distende, que se alastra, através de meio seculo, desde o hospicio das Necessidades onde primeiro compulsou os livros, até ao de-

serto de Val-de-Lobos onde lhe cahiram das mãos: — passando pelo eremiterio da Ajuda, onde pensou e escreveu, na sua maxima assentada, na sua maxima tensão.

O eremiterio da Ajuda — principalmente na época em que o versadissimo escriptor estava no apogeu das suas forças, n'esse periodo creador por excellencia de 1840 a 1851 — tornára-se o cenaculo das letras, o templo do espirito. Em volta de Herculano, cujo cerebro incandescente parecia o cerebro vulcanico da patria e cujo estudo acrisoladissimo aquilatava o melhor ouro da sciencia, apinhoavam-se os talentos mais propagandistas e as vontades mais insinuantes que então surgiram n'este paiz. Iam receber todos a palavra de ordem, o signal de combate — um conselho, uma inspiração, um applauso. Elles personificavam e recordavam os melhores tempos hellenicos ou os aureos tempos da renascença. Aquillo era uma nova *Ala de Namorados* — uma legião de reformadores, uma legião sagrada. Outra igual não apparecera antes, nem appareceu depois. Alli se viam Almeida Garrett — o divino poeta; Mendes Leal — o abalisado dramaturgo; Rebello da Silva — o portentoso orador. Alli se encontravam José Estevão — a tempestade das idéas; Lopes de Mendonça — a lava da phantasia; Latino Coelho — a cinzeladura da palavra. Alli compareciam Oliveira Marreca — o grande economista; Julio Pimentel — o grande chimico; Saldanha — o grande general. Alli acorriam An-

tonio de Serpa — o egregio mathematico e publicista; Andrade Corvo — o afamado academico e prosador; Sampaio — o Samsão da imprensa; Tullio — o puritano insigne; Folque — o geodesico notavel; Casal — o tribuno glorioso; Bulhão Pato — o mosaista irradiante; e Palmeirim e Felner e Paganino e outros e tantissimos outros; e, posteriormente e a horas desencontradas, um personagem estranho, um vulto quasi lendario, um adoravel moço gentilissimo, *complexo de extrema doçura, de alta comprehensão e profundo sentir, um filho de D. João I, D. Duarte extraviado no seculo XIX*, um rei que era um pensador e um pensador que era um santo, com o diadema em vez de aureola e com o sceptro em vez de penna — uma illusão que se exsolveu em saudade e uma saudade que se perpetúa em lagrimas: — todos no plenilunio das crenças, todos alegres como a esperança, inspirados como a poesia, fogosos como a eloquencia, expansivos como a liberdade, fulgidos como a illustração, dôces como a tolerancia e tenazes como o trabalho; formando todos, á roda do mestre, um côro pasmosissimo; constituindo todos, com o grande astro, uma constellação immortal, uma das maiores constellações que jámais têm coruscado em céos da patria.

Simplesmente admiravel: os genios saudando o genio, as luzes buscando a luz, as vidas bebendo a vida! Admiravel, e justo. Herculano tudo merecia, porque quasi tudo podia. Tão idealista e tão piedoso como Lamartine, elle compuzera versos christianissimos na

Harpa do Crente. Mais sincero e mais coherente que Lamennais, elle soltára brados apocalypticos e gemera threnos sentidissimos na Voz do Propheta. Igual a Walter Scott, elle iniciára e talhára toda uma litteratura no Monasticon. Superior a Thierry, elle estava creando e fundindo em bronze a Historia de Portugal. Caracter inconcusso, caracter honestissimo, elle era mais que um engenho proeminente e um douto de primeira plana: era uma incrustação de virtudes esmaltando uma incrustação de glorias.

Quantos homens em um só homem! quantos talentos em um só talento! quantas facetas em um só espirito! quantos meritos em um só merito! quantos visos e quantos matizes fórma o sol das idéas ao incidir e ao quebrar-se n'esta montanha de diamante! Evoquemos essa memoria augusta, essa figura transcendente. É-nos tão precisa a recordação como a esperança. Se não deslisasse entre estas duas margens, seria tristissimo o rio da vida — porque o presente é sempre triste. Pela memoria adelgaçamos, elastisamos o breve minuto da existencia até fazel-o eternidade. Nas officinas da memoria o tempo dilata-se com estranha dilatação, como o ferro em braza sob o malho do ferreiro. As pyramides do deserto são formidaveis não tanto por sua architectura quanto por apontarem o rastro d'um grande povo. Esse pantheon é soberbo, não tanto porque affirma um primor artistico, mas porque aponta um nome colossal. Glorifiquemo'-nos n'esse nome altissimo.

Contemplemos successivamente o poeta, o romancista, o historiador e o homem.

*

* *

Senhores:

A poesia é a cuspide da arte; o poeta o grande artista. A poesia é a potencia creadora da alma; é a propria alma encarnada na fórma ingenita da idéa — na palavra. Sentir profundamente e expressar bellamente, sentir devéras e expressar ao vivo, eis o talisman do genio — o timbre immortal do poeta.

Ou o fundo se imponha á fórma como no Oriente, ou fundo e fórma se equilibrem como na Grecia, ou a fórma predomine sobre o fundo como nas eras modernas; seja symbolica, classica ou romantica, a arte é sempre admiravel. Ou o artista estampe os seus ideaes no espaço e dê aos monumentos a projecção das montanhas; ou lasque e pula o marmore e converta estatuas em pessoas; ou anime as táboas e as telas e reproduza e corrija a natureza; ou vibre as cordas da lyra como se fossem as cordas do coração, o artista é sempre sublime. Mas o artista é maravilhoso, o artista é quasi divino quando perlustra as regiões da poesia.

Sacudidas as prisões da materia, valendo-se da pa-

lavra imponderavel, intangivel, da palavra que parece ter a espiritualidade e a ductilidade da idéa, o artista, quando é poeta e lidimo poeta, pulsa todas as escalas e desfere todas as harmonias da arte: architecta, esculpe, pinta, borda, canta; faz todos os giros da creação, mariposeia por todas as espheras da vida, adeja por todas as estancias do bello, abraça o tempo e a eternidade, perde-se como aguia nos ares, extasia-se como anjo nos céos, contempla o infinito, sonda o insondavel, vê o invisivel, fita Deus. A poesia é a voz da alma: lyrica, se essa alma é a d'um homem; epica, se essa alma é a d'um povo. O poeta é o condensador e o reflexor universal: um sol e um mar ao mesmo tempo. Sol, subjectiva e irradia as inspirações do proprio estro; mar, objectiva e reflecte as impressões do seu seculo e da sua historia, as aspirações da sua gente e as glorias da sua patria.

Será possivel negar a Herculano o brazão de poeta e grande poeta? Leia-se o volume das suas Poesias; examinem-se os assumptos que desdobra, as paixões que desperta, os pensamentos que levanta; veja-se a magnificencia d'aquellas paginas e a envergadura d'aquella phantasia e ahi se encontrará, como a perola na concha, — virgem e nitente — a alma inteira d'um poeta. Prophetico, patriotico, vehementissimo, ás vezes rispido e até bravio na locução mas sempre acerado e rompente na idéa, o genio desmesurado de Herculano, em todas as suas composições e versões lyricas, impri-

me, e imprime indelevelmente, o cunho heraldico da sua individualidade. Apontam-se-lhe muitissimos versos duros, mas não se lhe aponta um unico verso frouxo. Aquelle cerebro não consentia penumbras, nem desmaios aquella vontade. Ao traçar os seus quadros poeticos desappareciam instantaneamente as meias-tintas. Relampagueava a inspiração, jorrava o sentimento, o pincel corria audacioso e firme e a pintura destacava-se na tela, nervosa e palpitante, mascula e quente como fôra concebida.

Tres poetas eminentes revolucionaram e impulsionaram n'este seculo a litteratura portugueza; tres poetas, tres almas artisticas que bastariam por si sós a honrar e a enaltecer um povo: Garrett, Castilho e Herculano — Garrett a elegancia, Castilho a riqueza, e Herculano a valentia. Pois apesar de serem os dois primeiros quasi exclusivamente poetas e enormes poetas, o primado da influencia, indisputavel e indisputado, pertenceu ao ultimo. E devia pertencer; porque, se, dos tres, Almeida Garrett era o mais gracioso e contornado e Antonio Feliciano de Castilho o mais vernaculo e opulento, Alexandre Herculano era exactamente aquillo que elle proprio affirmou de Miguel Angelo — era o mais *robusto, solemne e profundo.* Garrett e Castilho retiniam como crystal; Herculano troava, retumbava — era bronze. Para deliciar, ninguem como Garrett e Castilho; mas para sacudir, para mover, ninguem como Herculano.

Fraguada nas entranhas da consciencia, subjectiva, intima, enraizadamente psychologica, parecidissima por vezes á poesia teutonica, a poesia de Herculano faz lembrar, de quando em quando, a musica de Beethoven. É mysteriosa, velada, incerta como os sonhos e indecisa como os crepusculos, encerrada em symbolos, com muitas allegorias, projectando, a espaços, uns lampejos crus, e, constantemente, uma vasta ideologia. Nem sempre se comprehende á primeira leitura — porque nada ha mais distanciado de nós do que nós mesmos! As notas da inspiração, a musica das idéas percebem-se muito depois das ondulações sonoras, do harpejo da palavra; mas assim que se percebem sulcam-nos a alma, apoderam-se d'ella, embebem-se, concentram-se n'ella e não sahem. Ora a poesia, ainda a mais subjectiva, é accentuadamente social; porque a sociedade, onde todas as idéas confluem e onde todas as paixões esbravejam, é um manancial, um oceano de inspirações para o poeta. À alma vibrante da Grecia inspirou as melhores odes de Pindaro; a alma vibrante da patria inspirou os melhores versos de Herculano.

As suas convicções religiosas ressumbram exuberantes das suas producções poeticas, e as suas producções poeticas trasladam exuberantissimas as suas convicções politicas. Herculano tornou-se o bardo ardente do idealismo christão e o trovador benemerito da campanha liberal. Flagellou implacavelmente os scepticos e exaltou arrogantemente os livres. O seu pensamento re-

fervia como a torrente e varejava como o vendaval. O seu estro era raio e era meteoro: o seu estro, sempre intenso e flammejante, assombrava uns como o gladio do archanjo no Eden e pharolisava outros como a columna de fogo no deserto.

Quem o não admirou? Quem o não viu, combatente intrepido, cortado de indignação e dilacerado de tristeza, bramir no *Soldado* os horrores da tyrannia e as cruezas do exilio, ou, triumphador generoso, fremente de patriotismo e desbordante de nobreza, implorar na *Victoria e a Piedade* paz e perdão para os vencidos? Quem se não sentiu extatico, mysticissimo ao lêr a *Semana-Santa* e a *Arrabida*, ou, ao ouvir aquelle seu hymno a *Deus*, aquelle seu inolvidavel hymno, altissimo como o universo, imponente como a tempestade, lucilante como a aurora e aberto como a flôr? — aquelle seu hymno magnifico em que resplendem e culminam os arrôbos de Platão e os estos de Isaias? Quem desconhece, emfim, a HARPA DO CRENTE, essa pulchra harpa harmoniosa que parece afinada pelas auras e tangida pelos anjos? — essa harpa celeste, divina, que consola, commove, arrebata, transfigura, espiritualisa, vivifica; que ora, que soluça, que lagrimeja; que tem voz como a sarça do Horeb e gemidos como os salgueiros de Babylonia, que resôa como a montanha do Sinai e suspira como as virgens de Sião; que canta como o psalterio de David e chora como os threnos de Jeremias? Quem desconhece ou quem denega tudo isto?...

Espirito gigante! por mais que o tempo passe e por mais que o homem cresça, os teus carmes serão sempre adoraveis — porque elles traduzem superrimamente o ideal dos ideaes, o ideal por excellencia sublime: a *Fé e a Liberdade*. Tu escreveste:

Creio que Deus é Deus e os homens livres!

E encandilaste a tua alma n'este verso de ouro: toda a tua vida, toda a tua crença foi isto.

*

* *

No emtanto, o nervo e o musculo do prosador avantajam-se á fibra e á scintilla do poeta: — a prosa esculptural de Herculano é immensamente superior á sua magestosa, mas, por vezes, agreste poesia. Desde os tempos de Demosthenes nunca se viu um escrever mais culto e forte; nunca se ouviu um fallar mais altiloquo e terso, mais aceado e solemne, mais cheio e harmonioso. Nunca! nem nas paginas de Tacito nem nas orações de Cicero. Nunca! nem na litteratura de Bossuet e de Rousseau nem no idioma de Solis e de Cervantes. A lingua portugueza, sob a penna de Herculano, era o marmore penthelico sob o cinzel de Phidias: — abria-

se, levantava-se, aos espiritos attonitos e aos sentidos deslumbrados, em fórmas peregrinas, em lavores surprehendentes; incutia pela sua travação o impressionismo da frontaria da Batalha ou d'esta crasta dos Jeronymos de Belem. O estylo é o homem, o estylo era Herculano — um homem exorbitante, um homem privilegiado; um talento de raça e um verbo á altura do talento.

Logo ao tentear as letras indiciou-se Herculano um eximio pensador e um escriptor descommunal. Logo ao estrear-se como que foi um sol no zenith; provou-se um verdadeiro eleito, uma extraordinaria vocação. Ora a vocação é que faz a individualidade; extrema os meritos, amplia e duplica as percepções, dá uma segunda vista. O olho do astronomo, ainda desarmado do telescopio, vislumbra mundos no espaço que jámais podem attingir os miseros profanos. A retina do naturalista, tão subtil como o microscopio, descobre nas gotas de agua ou nas petalas da flôr infusorios que nós outros desconhecemos. Nos quadros da creação e na consonancia dos orbes presentem o pintor e o maestro novas consonancias e novos quadros. O organismo do homem é um para o medico e é outro para o estatuario; e o organismo social, um para o publicista e outro para o estadista.

Pois o mesmo acontece na esphera das sciencias e na esphera das letras. A intuição vai até onde não chega o poder logico; frisa a idéa e torna essa idéa um fa-

cto no espirito. A palavra vai até onde não chega a potencia cosmica; frisa o facto e torna esse facto uma idéa vivente. A palavra acompanha a idéa, como o corpo a alma e a força o movimento. A palavra engendra a physica do espirito, como a idéa engendra a psychologia do universo.

Poucos, muito poucos possuiram, como Herculano, o singular condão de idealisar o concreto e de concretisar o abstracto. Fazia prodigios aquelle homem: tinha um cerebro que era a inspiração d'um vidente, e tinha uma penna que era o talisman d'um mago. A sua concepção acuminosa rivalisava com a sua palavra soberana. Aquella desenrolava-se, despregava-se nos vôos d'um Platão, esta nas linhas d'um Bramante. Nos campos da sciencia, nos arreboes da poesia, nas telas do romance, nos scenarios da historia, nas liças da polemica; investigando, imaginando, ensinando, combatêndo, o seu pensamento era todo luz, a sua phrase côr. Foi um perfeito idealista e um consummado romantico.

Herculano, indefesso cultor da antiguidade e amante ferventissimo do bello, não desadorava as fórmas classicas, mas detestava uma litteratura bastarda, uma litteratura estreita e de convenção. O ideal classico, o mytho hellenico foram e serão sempre o grande fulcro, o grande foco do mundo artistico. Nunca jámais poderão riscar-se da phantasia humana essas graciosissimas ficções, esses prestigiosos deuses — desthronados e sem-

pre reinantes, mortos e sempre vivos! Não tornarão, é certo, a conseguir templos e a formar crença. Desde que Luciano se riu d'elles com um riso superior ao de Voltaire, e desde que Tertuliano os matou no Apologetico e Santo Agostinho os enterrou na Mystica Cidade com a nobre pujança de dois leões d'Africa, o seu culto é impossivel — porque ao culto da natureza sobrepoz-se o culto do espirito. Mas nos horisontes da arte o genio pagão brilha sempre, brilha de cada vez mais... Ninguem poderá banir esse anthropomorphismo delicioso que figura uns labios purpureos na rosa, uns olhos divinos nas estrellas, um alento perfumado nas brizas, uma voz mysteriosa nas selvas, um seio palpitante nas ondas, um amor universal, um amor infinito na attracção que ao astro prende o astro e no trinado que a ave dirige aos céos. Ninguem poderá afugentar as nymphas do arroio, as nereidas do mar, as deusas do bosque, as musas de toda a parte. Ninguem poderá exterminar aquelle Apollo com a sua lyra de ouro e a sua cabelleira de luz presidindo, do centro do Sol, ás harmonias do universo; nem aquelle Prometheu, tragicamente acorrentado, espicaçado sobre o Caucaso por querer roubar o fogo celeste; nem aquella Diana, casta como a lua, beijando, na vibração d'um suspiro, a fronte de Endimião dormido; nem aquella Ceres symbolisando o arfar da vida vegetativa, desde a semente até ao fructo; nem aquella Daphne, que para esquivar-se ás caricias d'Apollo se converte em adelfa

á beira das torrentes; em adelfa, de que se ornam e corôam os poetas; em adelfa, cujas flôres são vermelhas e ellipticas como o coração e cujas folhas são perennes e amargas como a gloria; nem, emfim, toda aquella esplendidissima mythologia canonisada por Homero e Virgilio em versos immortaes e glorificada por Phidias e Praxiteles em marmores eternos.

Tamanhas riquezas da sabia antiguidade, tamanhas bellezas da escóla classica são realmente preciosas, admiraveis; porém transferidas ás artes litterarias em imitação servil, em cópia rasteira, sem a faisca inspiradora, sem o gosto e o senso esthetico, tornam-se uma coisa postiça, desageitada, retorcida, esteril, vã, — uma semsaboria. A gloria das letras portuguezas morrera em Camões para resurgir em Herculano. Depois do grande epico — no largo cyclo de quasi trezentos annos — houve pennas mais ou menos aparadas e talentos mais ou menos culminantes: um Sousa, um Vieira, um Bernardes, um Diniz, um Garção, um Tolentino, um Bocage, um Macedo, um Filinto; mas litteratura portugueza não houve. Se não, é compulsar as obras d'essa época: são entanguidas e contrafeitas; congelam e tantalisam! A locução era pautada e penteadissima, mas rigida e morbida. As phrases pareciam fabricadas a torno; eram redondas, polimentadas, espelhentas, mas soavam todas da mesma maneira — soavam a ôco. Depois uns trocadilhos pasmosos, uns equivocos fôfos,

um gongorismo risivel, uma neologia banal, uma desgraça!...

Herculano, homem do seu seculo, repassou-se do espirito do seu seculo. Ora esse espirito tinha crescido muito, tinha avançado muito, muito, pelo espaço e pelo tempo, pela terra, pelo mar e pelos céos, com a renascença e com a imprensa, com a bussola e com o telescopio: era exuberante, robustissimo; já não podia vasar-se em moldes antigos nem vestir-se de roupagens uniformes — ainda que esses moldes fossem da Grecia e essas roupagens fossem de Roma. Então o famoso Hercules quebrou esses moldes, rasgou essas roupagens; e, como Byron na Inglaterra, Gœthe na Allemanha, Manzoni na Italia e Hugo na França, fundou com Garrett e Castilho o romantismo em Portugal. Prosperrimo serviço, insignissimo trabalho que só póde ser matraqueado, como exagerador do tetrico e do tragico, por outra escóla hodierna que, espremendo o realismo, chega a refinar o hediondo, chega a roçar no esqualor!...

Como, por que meio, em tal sitio e com tal espaço, rastrear, ainda ao de leve, os lavores romanticos de Herculano, os livros esculpturaes d'este genio plastico, d'este revolucionario typico, d'este innovador crente, *d'este homem de alto pensamento e rico imaginar?*

No primeiro d'entre elles, n'esse pinturesco poema em prosa que tem nome de EURICO, nem sequer posso eu bulir! E sabeis porque... Afaste-se, pois, o livro —

o livro d'onde resalta um capitulo que iguala a ILIADA de Homero e onde surge uma figura que supera a Beatriz do Dante!

Quando repontava o pallido diluculo da minha intelligencia cahiram-me nas mãos as LENDAS E NARRATIVAS de Herculano. Devorei-as d'um sorvo; bebi-as d'um hausto. Impressão mais profunda, mais picante e inexprimivel, em toda a minha vida a não senti. Tudo aquillo — toda aquella série de composições magistraes, de composições virgens e quentes onde os factos palpitam e as idéas respiram, onde se incrustam e exhibem tracejamentos d'Eschylo, concisões de Tacito, curvas de Bramante, relevos de Buonarotti, vultos de Shakspeare, scenarios de Calderon, lampejos de Klopstok e de Sonmet, esmaltes de Ticiano e Rubens, tons suaves de Châteaubriand e Lamartine ou tons fortes de Byron, Hugo ou Heine — tudo aquillo, desde as ARRHAS POR FORO D'HESPANHA até á ABOBADA, e desde a MORTE DO LIDADOR e do PAROCHO DA ALDEIA até ao trajecto de JERSEY A GRANVILLE, tudo aquillo entornou-se-me candentemente na memoria, embutiu-se-me indelevelmente na alma, e cá está: — cá está, gravado a fundo por este Titan, que não só me dera, nos annaes da tradição portugueza, o codigo d'uma nova philosophia, mas ainda me dera, nos annaes da litteratura portugueza, o evangelho de uma nova arte.

Possante observador e vertiginoso artista! A seu nutu as idades descerram-se, as instituições resuscitam,

os costumes vêem-se, os sentimentos apalpam-se, as crenças têm vida e os personagens movimento. Aquelle valente fronteiro de Beja e aquella ferina adultera coroada, aquelle rei cavalheiroso e aquelle cego adoravel, aquelle sacerdote venerando e aquelles ridiculos bretões soerguidos pela força do genio e galvanisados pela força do estylo, são d'uma tal verdade, d'um *realismo* tamanho, que a gente, ao revolver com impaciencia febril as nacarinas, as prismaticas paginas das Lendas, antes crê avistar uma apparição do que admirar uma escriptura. O romancista triumphou! e, em frente do seu livro arrebatador, electrisados e trementes, nós bradamos como o grande architecto ao grande monarcha: — «Venceste, mestre, venceste! a mais formosa das tuas cogitações foi estampada; portuguez foste, portugueza é a tua obra. E essa obra estará firme — firme como a tua crença na immortalidade e na gloria!»

Tirante Camillo, o vernaculista phenomenal, e Latino, o estylista esbelto, eu não conheço escriptor tão adamantino — litterato de mais rijeza e lume na phrase e de mais arestas e fogos no pensamento. O verbo de Herculano ostenta essas entoações largas, essas antitheses poderosas, essas chispas subitaneas, essas imagens cyclopeas, essas inspirações transcendentes que o irmanam, que o identificam ao arrojo extranatural dos dois gigantes de Florença. A sua penna é um cinzel: não escreve, esculpe. A sua palavra um relampago: deslumbra, fulmina.

Por si só, o romance historico daria a Herculano uma alterosa reputação litteraria, um nome immorredouro. Mas, á guiza do condor, ascendendo mais e mais no seu vôo audacioso e olhando sempre o sol de fito em fito, o portentoso artista prestes transmontou seu pensamento, e despegando-se das paragens de Scott foi expandir-se nas regiões de Macaulay. Chrysalidou-se n'aquelle epico MONASTICON e n'aquellas LENDAS sublimes o engenho primacial, privilegiadissimo, que, a breve trecho, seria o severo analysta da HISTORIA DA INQUISIÇÃO e o famoso creador da HISTORIA DE PORTUGAL.

*

*   *

Senhores:

A Historia é uma resurreição; fazer historia é refazer a vida. Eis a maxima grandeza de Herculano: — elle exhumou do cemiterio dos seculos, recomposta, rediviva, palpitante, a origem e a formação do seu paiz. Parece que o poder d'um só homem, por herculeo que elle fosse, jámais chegaria a tanto. Pois chegou o poder de Herculano. Desamparado de governos, desamparado de incentivos, desamparado de meios, — pobre trabalhador plebeu! — á custa do proprio esforço, sósinho, levantou monumentalmente, irrivalisavelmente a sua

obra: *deu-lhe traça e carreou-lhe pedra e cimento.* Foi tudo! — cabeça e braço, architecto e operario, olho espertissimo investigando os factos e pulso milagroso ferindo a luz. Foi tudo, fez tudo! Só um prodigio de talento e um prodigio de vontade alcançariam tamanha empresa; e Herculano era esse prodigio. Herculano era o criterio e a tenacidade em pessoa: — era o genio historico, o senso historico feito homem.

Da historia deve estar ausente a paixão, porque a historia é um processo sereno; e á historia deve estar presente a philosophia, porque a historia é uma sciencia. Sobre a onda dos acontecimentos chamada vida de um povo, corre o vento das idéas chamado espirito de um seculo. O historiador tem a julgar aquelles com a imparcialidade de juiz, e tem a ponderar estas com a sagacidade de philosopho. Fez tudo isso e foi tudo isso Herculano: foi, como os grandes historiadores antigos, inflexo juiz; e foi, principalmente, como os grandes historiadores modernos, profundo philosopho. Juntou á historia, que é uma sciencia experimental, uma sciencia de factos, a philosophia, que é uma sciencia de leis, uma sciencia de principios; á historia, que é o phenomeno, a philosophia, que é a razão do phenomeno; á historia, que é a realidade, a philosophia, que é o ideal; á historia, que é a existencia na corrente da sua transformação contínua, a philosophia, que é o pensamento na fulgurancia da sua perenne luz. Avantajou-se emfim com uma das maiores conquis-

tas d'este seculo — a Philosophia da Historia; e dotou a sua gente, dignificou a sua gente com uma das maiores obras portuguezas, com uma obra critica, com uma obra-prima, no seu genero e no seu influxo, só comparavel aos LUSIADAS: — a HISTORIA DE PORTUGAL.

«Quando a justiça de Deus põe a penna na dextra do historiador... elle deve seguir ávante sem hesitar..., porque a missão do historiador tem n'esse caso o quer que seja de divina.» Estas palavras de Herculano photoptypiam-no genialmente: — são o seu escorço, o seu perfil. Elle segue ávante sem hesitar, através das brumas de tradições fabulosas e por entre os escombros de velhas chronicas, e chama o passado a juizo; versa superiormente a archeologia, a paleographia, a diplomatica e enterra-se no pó dos archivos decifrando datas e pergaminhos ou peregrina por todo o reino interrogando codices e monumentos; ausculta a evolução medieva, e encarna em sua alma e reanima em sua palavra o crêr e o sentir social dos primitivos tempos da Lusitania; vê com vista de lynce em todas as suas semelhanças e differenças, áquem e além dos Pyrenéos, o mecanismo feudal, e accentua com mão de mestre e por fórma inteiramente nova o sulco do elemento mosarabico na vida das nações christãs da peninsula; esculptura e contorna o formidavel duello entre o pontificado e o imperio; traça, a primor, a monographia do municipio; e o mais que todos lêem, e o mais que todos sa-

bem... E, ao passo que com um trabalho agerrimo e com um folego elephantino ia publicando os MONUMENTOS HISTORICOS, editando os ANNAES DE D. JOÃO III, de Sousa, por elle salvos milagrosamente, e concluindo a HISTORIA DA INQUISIÇÃO, sahia-se assim com a sua HISTORIA DE PORTUGAL desde os primordios da monarchia até ao reinado de Affonso III; com essa obra honrada e tressuada, cujas letras soltas, cujas syllabas dispersas andou apanhando e colligindo, uma a uma, por todos os angulos do paiz; obra inimitavel, obra eterna, que é o seu *opus magnum:* — o monumento de todos os seus monumentos e o coronal de todas as suas glorias; obra incomparavel, obra unica, que lhe deu a projecção de um vulto europeu e a categoria de primeiro sabio e primeiro escriptor da sua terra; obra resonantissima, que o fez estadear em todas as linguas cultas e abalisar em todas as grandes bibliothecas da Europa; obra poderosa, que lhe abriu de par em par as portas do Instituto de França, das Academias de Baviera, Turim, Madrid e outras, e que o nomeou socio de merito e vice-presidente da Academia de Lisboa; obra triumphante, que o assomou ainda uma distincção junto de Niebuhr e Thierry, e ainda uma superioridade ao pé de Prescott e Macaulay — os quatro prophetas maiores da moderna sciencia historica; obra celeberrima, que lhe valeu da boca d'este ultimo varão eminentissimo, o sobrio e sempre severo historiador inglez, estas soberbas palavras que cortam todos os discursos: «A Hes-

panha deveria esforçar-se por conquistar Portugal só para possuir Herculano!»

E este rei da poesia, da litteratura e da historia, este potentado que dominava com auctoridade absoluta as mais vastas e as mais formosas provincias do saber, quebra um dia a sua penna d'ouro, o seu sceptro de diamante, e troca o imperio das letras pelo cultivo dos campos! Fique a tremenda culpa a quem toca... Fique, e seja ella implacavelmente castigada, justiçada n'esse supremo tribunal humano que tem nome de posteridade. É certo que a grande perda nacional, o grande luto nacional devem contar-se desde essa hora sinistra, negra, em que a moderna geração portugueza assim ficou orphanada do seu mentor e do seu mestre.

*

* *

Coisa notavel! O primeiro escriptor peninsular foi uma quasi insignificancia como dramaturgo e como politico. Mas não admira, afinal. Nem as azas d'aquelle genio cabiam na jaula d'um theatro, nem a rigidez d'aquelle caracter supportava as cambiantes d'um parlamento. A flôr do espirito, que viça no azul, melindra-se muito ao contacto da materia, por menor que elle seja. Nas eminencias do ideal, como nas cul-

minancias do planeta, o ar é muito mais puro, mais respiravel. Cá em baixo, nas zonas da vida pratica, está-se menos á vontade, respira-se difficultosamente.

A passagem de Herculano pelas regiões politicas foi rapida e sem interesse. Comprehende-se. A arte de transmutar as idéas em factos é, aliás, uma das artes mais complexas que póde exercitar a entidade humana. Necessita-se medir as forças proprias e as forças contrarias com a mesma exacção com que o thermometro mede os graus do calor e o barometro o peso atmospherico. Necessita-se observar as resistencias da tradição e da rotina com aquella lente certeira com que o general tactico observa as manobras do campo inimigo. Necessita-se calcular a distancia, a enormissima distancia que separa o abstracto, em suas distensões diaphanas, do concreto, em suas turbidas correntes. Necessita-se a clinica dos acontecimentos como o medico necessita a clinica dos organismos. E necessita-se, principalmente, contemporisar muito, transigir muito — porque a politica é alta escóla de transacções. Ora Herculano era immalleavel, era a linha inflexivel; era a logica feita carne e osso. Não podia por fórma alguma ser politico.

Aquelle homem acurvado, sêcco, de fronte escampada e de olhos penetrantes; aquelle propheta de aspeito endurecido e, na apparencia, de trato adusto mas de coração generoso e de sensibilidade vivissima; aquelle monge austero e aquelle campeador inflexo que

faz lembrar um templario da idade-média, sempre inclinado á meditação e apercebido para a lucta; aquelle dextro polemista que floreava uma penna mais brilhante que o aço toledano e que vertera nas batalhas do espirito o melhor sangue da sua alma; aquelle gigante que fazia suar a imprensa com o peso das idéas, suava, elle proprio, por todos os poros com o peso da prosaica, da positiva e estranguladora politica. Está visto: Herculano pendia para os grandes livros e não para as grandes agitações. Era homem de pensamento e não era homem de acção. E reunir pensamento e acção, como Cesar, é um prodigio; e energia de palavra á energia de vida, como Danton, é um milagre.

Um sentimento vivaz e uma paixão indomavel, constantissima, predominaram absolutamente n'este sincero homem: o sentimento da moralidade e a paixão da justiça. E ser symbolo de moralidade e palladio de justiça, quão raro isso é! Com um só facto descortino a sua consciencia e recomponho o seu caracter: — o brado a favor dos egressos e das freiras de Lorvão. N'esta terra ainda ninguem trovejou mais indignadamente sobre uma atroz judiaria; ninguem foi ainda mais condolente e mais convicto ao exorar uma esmola para um miserando infortunio. A carta, em especial, a carta relativa ás religiòsas laurbanenses, transluzente de conceitos arrojados e de phrases roçagantes, é um dos documentos mais nobres que têm escripto homens, e o pedaço de prosa mais lapidada e

mais eloquente que eu encontro na linguagem portugueza. Alli sim, alli, n'aquelle soluço amarissimo e n'aquella ironia immortal, é que se conhece a valer toda a compleição e toda a tempera de Herculano — do bom, do probo e recto Herculano que, no seu rude cavoucar, no seu asperrimo lavor mental *consumiu os melhores dias da vida sem saber o que a mocidade tem de gozos, a idade viril de ambições e a velhice de vaidades;* e que, *em recompensa unica*, só desejára este letreiro sobre a campa: *Aqui dorme um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a historia, algumas importantes verdades.*

Aldeando como qualquer camponez do Ribatejo; rusticando no seu melancolico Val-de-Lobos; a sós com essa virgem natureza que, como Plinio, como Buffon, como Saint-Pierre, elle amára com o mais intenso dos amores: sempre n'aquella altura de independencia com que em verdes annos abandonára a Bibliotheca do Porto e em annos maduros repulsára todos os avellorios, — n'aquella rija independencia *com que o genio mantem intemeratos os fóros da sua realeza;* o seu verbo decisivo e o seu lucido conselho nunca faltaram aos graves assumptos da patria. Actuou peremptoriamente na contextura do Codigo civil, evidenciando copiosos conhecimentos da Philosophia do Direito e defrontando-se e arcando com os maiores jurisconsultos do reino; prefaciou antigos opusculos e tracejou cartas memoraveis; e, quando parecia, como o grande astro, re-

concentrar toda a actividade no seu disco, envolve-o bruscamente o eclipse da morte! Sabeis quaes foram os ultimos raios d'este sol? Uma obra religiosa, uma obra bellissima que ficou truncada no quarto capitulo: — A CONVERSÃO DOS GODOS AO CATHOLICISMO.

Coincidencia admiravel! Em 1580 morre n'um hospital de Lisboa o principe dos poetas. Em 1877 morre n'um ermo de provincia o principe dos prosadores. Pois bem: n'estes 297 annos — quasi tres seculos — não apparece, entre nós, um só homem igualavel a estes dois homens que, como dois Atlantes, sustentam authenticamente, massiçamente, inexcedivelmente a honra da litteratura e da nacionalidade portugueza!

*

*   *

Senhores:

Cada um de nós tem a sua pequena patria, o seu estado reduzido, o seu municipio, o seu lar: ama entranhadamente tudo isso, porque ahi está a raiz da sua existencia, o berço do seu coração: mas tem igualmente, e ama ainda muito mais, a sua grande patria, a patria do seu espirito, a terra historica da sua gente, essa agremiação soberana, essa nacionalidade fascinantissima onde têm estrellejado os genios phenomenaes que

são a aureola celestial d'um povo. E quando um tal povo se chama Portugal; quando esse povo é este povo egregio que se agigantou na musculatura dos heroes e se entrajou na gloria das conquistas; quando é este povo intremulo que arremetteu com o gladio de Affonso Henriques, domou com o braço de João I e imperou com o sceptro de Manuel; quando é este povo titanico que pensou com o cerebro de Pedro Nunes, sentiu com o peito de Nun'Alvares, escreveu com a penna de João de Barros, navegou com a bussola do Gama, triumphou com a espada de Albuquerque, cantou com a lyra de Camões e prégou com a lingua de Vieira; quando é este povo destemido, este povo estupendo que cresceu sobre todos os continentes e bracejou sobre todos os mares — ultrapassando pelo Oriente as Indias de Alexandre e pelo Occidente as Indias de Colombo; quando um tal povo é isto, então o amor patrio póde frisar na demencia, póde rugir na ebullição do delirio; póde, sem ser exagerado, chegar a inverosimil á força de verdadeiro!

Não me digaes que preferis outras terras, por espaventosas, por uberrimas que ellas sejam, a esta briosa e honrada terra; eu não acreditarei jámais semelhante cosmopolitismo. O amor é essencialmente egoista. E se, como diz Gœthe, o fino amor é o egoismo de dois, o amor patrio — esse amor dos amores — é o egoismo de muitos.

Visitai as galerias da historia, contemplai todas

as mulheres celebres: nenhumas tão adoraveis como nossas mães. Percorrei todas as universidades do mundo, fixai todos os estrangeiros insignes — Newton, por exemplo, que esgotou a sciencia, e Secchi que esgotou a sciencia e a fé: nenhuns tão prezados como os nossos compatriotas illustres. De extremo a extremo da vida patria, irradicavel e unisonante, o nosso sentimento é este: — antepomos a gloria de Viriato a toda a gloria de Annibal, e antepomos a grandeza de Herculano a toda a grandeza de Humboldt. Bemdito sentimento que assim se desafoga n'estas homenagens, e bemditas homenagens em tudo dignissimas de tal sentimento!

*

* *

Almo espirito da patria! jámais foste tão excelso como ao votar e ao cumprir esta consagração a Herculano. Ah! consola, arrebata tudo isto! Esta ingente solemnidade, em que a nota mystica se prende á elegia funebre e a elegia funebre compartilha do hymno triumphal; esta dupla solemnidade que, após a prece catholica e o Incruento Sacrificio, assim traslada a um pantheon, parecido a pantheon real, os ossos e as cinzas d'um plebeu; uma solemnidade d'estas, um facto assim não só bastam a exaltar uma nação, mas ainda

sobram a brazonar uma época. Na antiguidade classica nem sequer se presentiram, e no mundo medieval raras vezes despontaram honras taes. E não era raro merecel-as. Virgilio, e apenas notarei este, o mavioso e queridissimo Virgilio que Alexandre Severo contou entre os seus deuses e o Dante entre os seus mestres, que Santo Agostinho pôz entre os crentes e S. Jeronymo entre os prophetas, o terno Virgilio, ao morrer em Brindisi, á volta da Grecia, teve um funeral humílimo, e, transportado á luxuriante Parthenope, lá ficou sobre a collina do Posilipo, apenas velado pelas ondas e alumiado pelas estrellas. É que todo o cortejo e apotheose estavam reservados ao *divino* Augusto... Esse alento primaveral, esse alento recortante que substituiu o culto da força pelo culto ao genio; esse sopro renovador e humanissimo que, bem tarde, passou por Santa Cruz de Florença, acaba de chegar, finalmente, até Santa Maria de Belem...

Ditosa geração hodierna que vê com seus proprios olhos um espectaculo nunca visto! — esta nova phase do espirito, esta nova investida do progresso, esta nova pagina da historia — linhas equatoriaes nos hemispherios do tempo, camadas de idéas que se condensam entre as idades para assignalar, para graduar o crescimento social, como as camadas geologicas assignalam e graduam o crescimento do planeta.

Eu bem sei que o austero extincto escreveu: *Pertenço pelo berço a uma classe obscura e modesta; quero*

morrer onde nasci. E escreveu ainda: *No horisonte das minhas ambições, e Deus sabe se fallo sincero, só vejo o dia em que possa depôr a penna e sumir-me em completa obscuridade. Será esse o melhor da minha vida.* E acabou de escrever: *Não peço ao meu paiz, nem quero d'elle, senão sete palmos de terra no cemiterio d'alguma obscura aldeia, para ahi dormir o longo somno da morte.* Eu sei muito bem que o estoico Herculano, ao repellir durante a vida quantas honrarias lhe impuzeram, não pretendera, não esperára nem sonhára posthumamente tamanhos obsequios principescos. E sei mais: sei que a derradeira vontade do solitario de Val-de-Lobos foi repousar perpetuamente no campo-santo de Azoia entre os lavradores que tanto amára. Mas se esta era a vontade do homem, não podia ser esta a vontade da patria. Morto o homem, o que d'elle restava era um fragmento inerte, um vaso partido mas precioso, uma herança nacional, uma reliquia toda da patria. Elle, o grande genio, monumento de si mesmo, fabricára a sua immortalidade. Pois um reflexo de immortalidade fabrique e dê tambem a patria — que é o maximo de quanto n'este mundo póde dar-se — a tão incomparavel e veneranda reliquia. E fabricou e deu: deu bizarramente, deu como a ninguem, como nunca!

A recompensa da patria corporisada n'estas magnas exequias; a gratidão da patria, que hoje tem movimento e voz n'este acto pomposo e eloquente, mover-se-ha sempre na fixidez d'aquelle pomposissimo sarco-

phago e fallará sempre na mudez d'aquelle eloquentissimo pantheon.

E, agora, muito melhor que o sacerdote francez na presença d'um rei desgraçado, bradarei, a meu turno, diante do feretro d'um cidadão feliz: «Filho de Portugal, sobe aos céos!» e seja eternamente comtigo a infinita gloria de Deus.

Disse.